

DE EDUCAÇÃO

Professores marcam nova assembleia

Sem definição quanto a propostas, categoria mantém estado de greve

CARLOS EDUARDO CÂNDIDO

Professores da Rede Pública de Ensino decidiram, em assembleia realizada na manhã de ontem, no estacionamento do Teatro Nacional, que o estado de greve definido desde o dia 8 de maio será mantido. A principal reivindicação dos professores é a reformulação do Plano de Carreira Salarial, em vigor desde 1990. As questões de reajuste salarial, moradia para professores, saúde, tiquete-alimentação e auxílio transporte também foram discutidas na assembleia.

Os professores decidiram que no dia 17 de julho ocorrerá uma nova assembleia, às 15h30, no estacionamento do Mané Garrincha, para definir sobre a manutenção do estado de greve ou a aprovação do indicativo de greve, que é a marcação de uma data para o paralisação das aulas.

José Antônio, diretor do

Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro), explica que a reunião entre representantes do sindicato e do GDF, realizada na última terça-feira, não mudou o panorama. "O GDF está nos enrolando. Eles querem adiar ao máximo a implementação do novo plano de carreira". O diretor ressalta também que, o plano de carreira já deveria ter sido implantado desde janeiro de 2003.

Segundo o sindicato, a proposta do GDF é de

1%

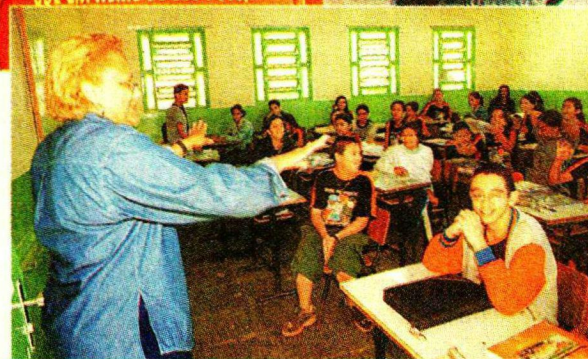
de reajuste, o que não foi aceito pelo Sinpro

Ricardo Ramos, professor do Ensino Médio, reclama que a proposta de reajuste de 1% é vergonhosa. "Antes estávamos brigando contra os 0%, agora

temos que lutar contra o reajuste de apenas 1%", reclama, indignado, o professor. A Secretaria de Educação informou que todas as reivindicações dos professores serão analisadas ainda esta semana. Ainda segundo o GDF, as escolas que não funcionaram terão que definir uma data para a reposição das aulas – a rede pública é composta por 640 estabelecimentos.



Professores da Rede Pública de Ensino foram convocados para a assembleia de ontem. Ainda assim, em escolas como o Centro de Ensino nº 2 de Samambaia, as aulas transcorreram normalmente



Mobilização não empolga

Enquanto a assembleia dos professores optava por evitar o confronto, decidindo prorrogar qualquer decisão sobre uma futura greve para o próximo mês, a mobilização da categoria não chegou a deixar a maioria dos alunos sem aula. Ainda que escolas como o Centro de Ensino Médio 304 de Samambaia tenham ficado às moscas, outras instituições apresentavam um ritmo normal, como poucas ausências de mestres.

No Setor Leste, apenas quatro professores decidiram pela paralisação das aulas. Os

outros deram aulas reduzidas. No entanto, houve reclamações. A estudante do terceiro ano do Ensino Médio, Raquel Lemos, diz que vai prestar vestibular e se sente prejudicada em relação aos alunos de escolas particulares. "É um absurdo. Não dá para disputar uma vaga na UnB com os alunos das particulares. Quem sai perdendo são sempre os alunos", diz.

No Centro de Ensino Fundamental 120, em Samambaia, as aulas correram normalmente. Segundo a vice-diretora, Paula Aneide, apenas

dois professores aderiram a paralisação. Para a professora Maria de Lourdes, que estava trabalhando, a greve não é mais um instrumento para forçar negociações. "O sindicato se transformou num centro de politicagem que não representa mais a vontade da maioria", comenta.

Segundo a assistente da direção, Maria de Oliveira, do Centro de Ensino Médio nº 3 de Ceilândia, apenas seis mestres aderiram a paralisação. "Nem o protesto contra a reforma da Previdência atraiu a categoria", avaliou.

GIRO NAS SALAS

Samambaia

■ No Centro de Ensino Fundamental 120, em Samambaia, as aulas ocorreram normalmente. Segundo a vice-diretora, Paula Aneide, apenas dois professores aderiram a paralisação

■ No Centro de Ensino Médio 304, não houve aulas. Segundo a vice-diretora Andrea Alvim, apenas quatro professores, dos quais dois com contratos temporários, estavam na escola. O restante atendeu ao chamado de paralisação.

Taguatinga

■ No Centro Educacional nº 6, em Taguatinga, as aulas transcorreram normalmente. De acordo com o diretor, Edilson Rodrigues, do corpo docente, apenas quatro professores não foram trabalhar. Os alunos das turmas sem mestre foram remanejados para outras salas de aula.

Ceilândia

■ No centro de Ensino Médio nº3, na Ceilândia, as salas estavam vazias, mas não era indicativo de que os professores estivessem paralisados. Segundo a assistente da direção, Maria de Oliveira, os docentes acompanhavam os alunos em uma atividade extraclasse. Entre todos os professores, apenas seis aderiram à paralisação

Plano Piloto

■ No Centro de Ensino do Setor Leste, segundo a direção da Escola, apenas quatro professores não foram trabalhar ontem por adesão a paralisação. O que não comprometeu as aulas